

Maria Francisca Macedo

o Clube dos Cientistas

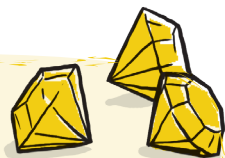
Os Contrabandistas de Cristais



Contém
incríveis
experiências
científicas

booksmile

ÍNDICE



— Os Contrabandistas de Cristais	11
• Capítulo 1: A mensagem secreta	13
• Capítulo 2: Como escapar de casa?	19
• Capítulo 3: O plano entra em ação	23
• Capítulo 4: Um susto terrível	29
• Capítulo 5: A fuga dos contrabandistas	35
• Capítulo 6: Uma ideia misteriosa	39
• Capítulo 7: Preparar a armadilha	45
• Capítulo 8: A exposição de cristais finalmente acontece	49
• Capítulo 9: Desta é que já não fogem!	55
— Caderno de Experiências	59
— Explicação de símbolos	60
— Sobre a autora	95

Os Contrabandistas de Cristais





A MENSAGEM SECRETA

— Nós não devíamos *mesmo* fazer isto...

Era uma tarde de sábado e os pais não estavam em casa. Os três irmãos encontravam-se reunidos na cozinha. Catarina, a mais velha, estava debruçada sobre a mesa com um copo cheio de vinagre na mão e uma construção de jornal, bastante realista, de um vulcão rodeado por uma aldeia.

— Cuidado, Cat! Não! Isso vai explodir e sujar tudo! — lamuriou-se o Carlos. Mas a irmã não o ouviu e virou o copo com vinagre para dentro da cratera do vulcão. Depois, deitou para lá uma colher de um pó branco que parecia farinha. O vulcão começou a entrar em erupção e a escorrer lava, destruindo as casinhas feitas com papel e as árvores de fósforos.

— Uau! Espectacular! — disse o Francisco, superexcitado. O Chico sempre tinha sido aquele que mais se aventurava

e entusiasmava com estas experiências que tanto gostavam de fazer.

OOOPS!!

A lava falsa continuou a escorrer, vulcão abaixo, até cair da mesa e começar a rastejar pelo chão da cozinha. O ar cheirava a vinagre.

— Ai... está tudo sujo... Quando chegar, a mãe vai zangar-se connosco — disse o Carlos.

Mas o Chico nem quis ouvir o irmão e aproximou-se do vulcão, que borbulhava lava por todo o lado, para o ver mais de perto. O Carlos, como sempre, dividido entre a curiosidade e o medo de ser apanhado a fazer asneiras, começou a aproximar-se dos irmãos, pois também ele queria ver o vulcão. Distraído, escorregou num bocado de espuma de lava que tinha caído no chão e agarrou-se à Catarina para não escorregar. Apanhada desprevenida, a Catarina, ao sentir uma mão no ombro... deu um salto de susto, bateu com o joelho na mesa e... *catrapum!* Vulcão, lava, vinagre, espuma — tudo espalhado pelo chão da cozinha.¹

E, claro, a mãe tinha de chegar na melhor das alturas...

Assim que abriu a porta, sentiu logo um cheiro intenso no ar, como que... a vinagre! Correu para a cozinha e, nesse

¹ Se queres fazer um espetacular vulcão de lava, espreita a página 63, no Caderno de Experiências, que também encontrares neste livro. Espero que corra melhor do que o dos irmãos... Que a sorte esteja contigo!

momento, encontrou os seus três filhos totalmente despenteados e sujos, estendidos no chão e rodeados de restos de algo parecido com um vulcão, numa cozinha imunda e a cheirar a vinagre!!

— Oh... meu... Deus... — exclamou. No mesmo instante, saiu da cozinha, furiosa, a gritar pelo pai, para que ali fosse depressa ver aquele caos. — Resolve tu isto, Luís, que eu já não tenho paciência!

— Acho que desta vez a mãe ficou *mesmo* chateada — sussurrou a Catarina, sem se mexer.

O Carlos respondeu com um suspiro de desalento, ainda sem acreditar que ia ficar outra vez de castigo por uma coisa que os seus irmãos tinham feito.

Quando o pai chegou, não disse uma palavra. Abriu a porta da despensa, entrou e voltou a sair com uma esfregona, um balde e panos. Passou-lhes o material de limpeza para as mãos, e os três passaram o resto da bela tarde de sábado a limpar a porcaria que tinham feito. Não era propriamente a ideia de diversão que tinham em mente, mas nem se atreveram a refilar. Mesmo o Carlos, que não tinha tido culpa nenhuma, ficou caladinho que nem um rato.

Depois de terminada a limpeza, tomaram banho, jantaram leite e pão e tiveram de ir direitinhos aos quartos, apesar de ainda ser dia lá fora. Os três irmãos subiram as escadas sem se queixarem e foram dormir.

O quarto dos gémeos tinha duas camas, duas mesas, duas estantes e dois armários. Era um quarto pequeno, mas mais parecia ser dois quartos num só.

Engraçado como, também através do quarto, se viam logo as diferenças entre estes dois irmãos, tão semelhantes à primeira vista. A metade do Carlos ficava do lado da porta e estava arrumadinha, com tudo muito organizado. Em cima da mesa estavam empilhados, muito alinhadinhos, vários cadernos de anotações. Havia um copo para as canetas e outro para os lápis, e o candeeiro parecia ser novo. Na estante, podiam encontrar-se vários livros sobre animais, experiências e aventuras. A sua cama estava feita, impecavelmente, e as roupas dentro do armário estavam arrumadas por cores.

A metade do quarto que pertencia ao Francisco era a do lado da janela. A cama tinha os lençóis num desalinho; em cima da mesa viam-se resmas de papéis espalhados com várias ideias de experiências para pôr em prática; os lápis e as canetas estavam todos fora de sítio e um deles até estava caído no chão. A estante, em vez de livros, tinha frascos. Frascos grandes e pequenos, com tampas de lata furadas e animais improvavelmente vivos: dois caracóis pequenos num frasco cheio de alface; casulos de bichos-da-seda que se tinham transformado em borboletas há dois meses e voado pelo quarto, deixando a mãe furiosa; cinco girinos apanhados num lago; dez marias-café; oito bichinhos-de-conta; e duas lesmas. O armário não estava arrumado

por cores nem por lógica nenhuma, simplesmente não estava arrumado.

— Que tarde terrível — murmurou o Carlos, enquanto desfazia a cama, com toda a calma, e se deitava.

— Podes crer — respondeu o irmão, tirando a roupa da sua cama para um canto e enfiando-se entre os lençóis.

De repente, a mãe entrou pelo quarto adentro, fulminando-os com o olhar.

— Ai de vocês que resolvam pôr um pé fora da cama! Amanhã é domingo e vão ficar no quarto toda a manhã. Não quero saber se acordam cedo e querem ver televisão na sala. Leiam e façam os trabalhos de casa. Só descem quando vos chamar para o almoço!

E, sem dizer mais nada, apagou as luzes e fechou a porta.

Depois de ouvirem os passos da mãe a afastar-se, o quarto mergulhou num silêncio profundo.

Mas não por muito tempo.

O Chico começou a ouvir uns barulhos estranhos, mas suaves, a aproximarem-se da porta do quarto e uns ruídos de papel a passar pela ranhura.

— Carlos, estás a ouvir? — sussurrou a medo.

— Não quero saber, está calado e dorme. Não ouviste a mãe? Não vou meter-me em mais sarilhos por tua causa.

Mas o Chico não aguentou a curiosidade, atirou os lençóis para trás e avançou às apalpadelas pelo quarto escuro. Quando

se aproximou da porta, viu um papel dobrado. Pegou nele, foi até à sua secretária (engolindo um grito de dor quando pisou a tampa de uma caneta perdida no chão) e ligou a luz.

— Está em branco! Porque haveria alguém de nos deixar uma carta em branco debaixo da porta?

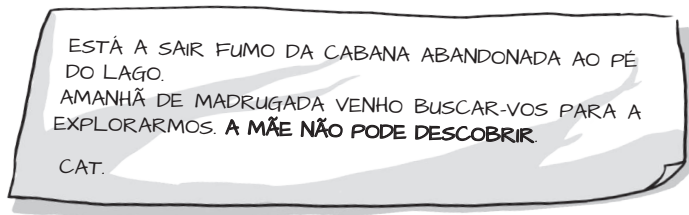
— Desliga mas é isso! — resmungou o Carlos.

O Chico ignorou-o e aproximou ainda mais a folha da lâmpada. Lentamente, como por magia, começaram a aparecer letras acastanhadas no papel.

— É uma mensagem da Catarina... ela escreveu-a com tinta invisível para a mãe não nos apanhar...²

Mas o irmão já não o ouviu, pois adormecera.

No papel, em letras garrafais, lia-se a seguinte mensagem:



O Chico desligou a luz do candeeiro e foi deitar-se todo contente. Aproximava-se mais uma aventura! Os pais podiam ainda não saber, mas o dia seguinte ia ser espetacular.

² Para fazeres a tua própria tinta invisível, procura as instruções no Caderno de Experiências, na página 67.



COMO ESCAPAR DE CASA?

A casa permanecia em absoluto silêncio e o sol ainda não nascera. Na escuridão, os gémeos vestiram-se, calçaram-se e enfiaram roupa nas camas para parecer que ainda dormiam. Assim, se a mãe viesse espreitar o quarto, veria dois volumes por baixo dos lençóis e pensaria que eram eles. O Carlos até teve o cuidado de usar um pequeno monte de camisolas a simular a cabeça e outro monte maior para fazer o resto do corpo.

Depois, pé ante pé, foram até ao quarto da irmã mais velha, que ficava no fundo do corredor.

A Catarina, mal os ouviu chegar, abriu a porta, puxou-os para dentro do quarto e empurrou-os para cima da cama dela. Começou imediatamente a andar às voltas no tapete, pensando alto, com um ar muito preocupado, como se já tivesse estudado o assunto vezes e vezes sem conta.

— Temos um problema. O pai está acordado, na sala, a falar ao telefone. Está ali há horas. Parece que tem outra vez um caso difícil. Assim não vamos conseguir sair de casa.

— O pai está com um caso difícil? *Cool!* — exclamou o Chico, que sempre adorara o facto de o pai ser detetive particular. Imaginava constantemente que o pai era como aquelas personagens dos filmes de ação, só lhe faltava a gabardina e o chapéu.

— Nada *cool*, mano; nada *cool* — resmoneou a Catarina. — Carlos, precisamos de um plano para sair de casa.

O Carlos podia ser o mais atinado e certinho, mas gostava tanto de aventuras como os irmãos. Aliás, era ele o cérebro da maioria das experiências. Era ele que investigava e planeava tudo. Era ele que descobria sempre o porquê de as coisas acontecerem de determinada maneira. Era ele que fazia as medições, pesagens e cálculos para que tudo corresse bem. Depois, sim, os irmãos avançavam. O Chico, principalmente, adorava partir para a ação e pôr as mãos na massa. A Catarina, como irmã mais velha, era quem falava com os pais e arranjava as coisas que eram necessárias. Basicamente, era ela quem dava a volta aos pais. Tinha um jeito especial para convencer a mãe a comprar os ingredientes de que eles precisavam para as experiências e, com o seu ar de gente crescida, podia sempre prometer que tomava conta dos irmãos e que nenhuma asneira aconteceria.

Normalmente, corria bem.

A não ser quando vulcões feitos de papel e a cheirar a vinagre explodiam na cozinha, como no dia anterior.

O Carlos abanou a cabeça, tentando afastar essa memória, e concentrou-se no que tinha de fazer.

— Certo. Arranjar um plano para explorar a cabana.

— Vocês pensem num plano — disse o Chico, saltando da cama de um pulo. — Eu vou lá abaixo espiar a conversa do pai.

E saiu.

O Carlos começou a pensar alto.

— Não podemos sair agora, o pai apanhava-nos. Vamos almoçar a casa dos avós, por isso a tarde está perdida... Só se fôssemos depois do jantar!

— Mas os pais deitam-se sempre muito tarde e amanhã temos escola. Não podemos esperar pela 1 da manhã para ir explorar a cabana... — refutou a Catarina.

— Só se arranjassemos maneira de adormecer os pais mais cedo... — sugeriu o gémeo.

— Como?

— Deixa-me pensar, Cat! Podíamos... não, não, isso não pode ser. Só se... espera, não ia funcionar... A não ser que... ah, sim, era capaz de ser boa ideia... Mas para isso era preciso... hum... é isso!

— O quê? Qual é o plano?

— Temos de preparar um chá de camomila! Bem forte!



— Não estou a perceber...

— Simples, Cat. Fazemos...

Mas o Carlos não conseguiu terminar de explicar o plano porque foi interrompido pelo irmão, que entretanto entrou no quarto, em êxtase.

— Vocês não vão acreditar! O pai anda atrás de uns contrabandistas de diamantes que fazem assaltos sem deixar pistas! Não é *supermegacool*? Aiii, esperem... estou a ouvir barulho nas escadas, acho que é a mãe... Rápido, vamos para o quarto.

Com o coração quase a saltar-lhes do peito, os dois irmãos correram para o quarto. Quando a mãe abriu a porta, encontrou o Carlos deitado na cama a ler um livro e o Chico debruçado sobre o frasco de girinos com uma lupa. Satisfeita, disse-lhes que podiam descer, pois eram horas de almoço e ainda tinham de ir a casa dos avós.

Só quando os gémeos saíram é que a mãe reparou na quantidade de roupa arrumada debaixo dos lençóis. Porque haveriam os filhos de fazer montes de roupa dentro de cada cama? Estava longe de desconfiar que os irmãos tinham tentado disfarçar o facto de não terem estado no quarto toda a manhã.



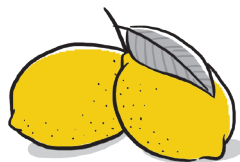
O PLANO ENTRA EM AÇÃO

— Hoje apetece-me limonada para o jantar! Mãe, posso ir fazer limonada para todos? — pediu o Carlos.

Tinham acabado de estacionar e os irmãos ainda nem tinham desapertado o cinto. A mãe ficou com um ar realmente surpreendido e os irmãos tinham uma expressão baralhada. O Carlos raramente se voluntaria para *fazer* coisas. Ele é mais de *pensar e planear*.

— Eu... sim, não vejo porque não... — respondeu a mãe, já com o Carlos a saltar do carro e a correr para o limoeiro do quintal.

— Aquele miúdo está a preparar alguma... Que é que vocês sabem? — perguntou o pai, desconfiado, usando aquele tom de quem já está ver o cenário todo outra vez...



— NADA! — disseram imediatamente os irmãos, em uníssono e com um ar muito inocente, apressando-se a ir ter ao limoeiro.

Quando lá chegaram, já o Carlos se sentara à mesa da cozinha, com os limões ao colo, pronto a dar ordens:

— Chico, vai ao frigorífico buscar a couve-roxa. Catarina, vai à despensa e traz três saquetas de chá de camomila.

Os irmãos começaram a fazer imediatamente o que ele ordenava, por isso ele foi continuando:

— Boa, mano! Agora corta uma folha de couve-roxa, põe numa caneca com água até ao cimo e põe o copo no micro-ondas durante dois minutos.

— E eu?

— Ah, já chegaste! Tens aí as saquetas? Certo, liga o fervedor para fazermos chá!

— Mas tu disseste que íamos fazer limonada! Para que são os limões?

— Para fazer limonada, claro! — respondeu o Carlos.

— Não estou a perceber, mas também não faz mal nenhum — gargalhou o Chico. — Cheira-me que vem aí uma experiência das boas!

E tinha toda a razão! O Carlos foi buscar dois frascos transparentes e pousou-os no centro da mesa. Depois encheu um com água e sumo de couve-roxa (que era um líquido azul-arroxeadado com um cheiro estranho) e no outro fez um chá de camomila superforte (porque usou logo as três saquetas).

— Esta é a bebida que vamos dar aos pais para beber ao jantar — disse o Carlos, apontando para o chá de camomila. Depois apontou para a bebida azul-arroxeadada. — Mas, para não a bebermos nós e acabarmos todos a dormir, temos de fazer uma bebida com exatamente a mesma cor e que não nos dê sono, por isso... esta é a que vamos pôr nos nossos copos.

— Mas chá não é limonada! — reclamou a Catarina.

— E essa bebida não é da mesma cor, mano. Em vez de laranja, é de um azul fantasmagórico — disse o Francisco, enojado.

— Calma, calma... Ora vejam e aprendam com o mestre — disse o Carlos, em tom de brincadeira.

Com o seu ar de cientista experiente, o Carlos espremeu dois limões para dentro do frasco com chá. Agora, sim, *parecia mesmo* limonada. A Catarina até deu um gole, declarando que, de facto, *sabia* a limonada.

— Porque não fazemos simplesmente uma limonada com água para nós? — perguntou ela.

— Uma limonada só com água é quase transparente, e esta que fizemos para os pais é alaranjada por causa da cor do chá de camomila — explicou o Carlos.

— Só falta resolver a questão da cor azul dessa bebida com que nos queres envenenar — resmungou o Francisco.

— Claro, mano, observa.

Para espanto dos irmãos, começou a deitar gotas de vários ingredientes para dentro do frasco com o líquido arroxeadado,

o qual, como que por magia, foi mudando de cor: uma gota de leite e mudou de roxo para vermelho, duas gotas de limão e começou a ficar esverdeado, uma colher de açúcar e o líquido adquiriu uma cor amarela igual à da limonada.³

Agora, sim. As duas bebidas *pareciam* iguaizinhas. Só se perceberia a diferença provando.

— Ao jantar pomos nos copos dos pais a limonada com chá de camomila e nos nossos a falsa. Assim, os pais ficam com sono (uma vez ouvi a avó dizer que o chá de camomila lhe dava sono, daí a minha ideia). Se puderem, evitem beber esta mistela que vamos pôr nos nossos copos, não deve ser nada boa.

Os três irmãos guardaram as duas bebidas no frigorífico, com cuidado para não as baralharem, e aproveitaram o facto de a mãe ter entrado na cozinha para a ajudar a fazer o jantar. A mãe começou a estranhar tanta ajuda quando, depois de terem cortado as cebolas, lavado a alface e feito a salada... ainda se ofereceram para pôr a mesa e deitar os sumos nos copos de toda a gente! Mas não disse nada.

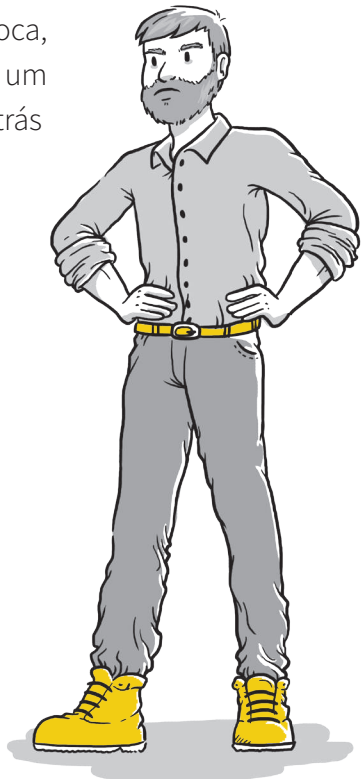
O plano do Carlos parecia estar a correr sobre rodas. Os pais beberam a sua limonada durante o jantar e, quando os manos foram para o quarto dormir, puseram-se a ver um filme.

³ Se quiseres surpreender os teus amigos e mudar as cores de líquidos como se fosses mágico, consulta a experiência «Líquidos de Laboratório», na página 71 do Caderno de Experiências.

Uma hora depois, os três desceram pé ante pé as escadas, cada um com uma lanterna na mão. O Carlos levava também uma mochila com ingredientes e materiais que poderiam ser úteis. A mãe, sentada no sofá, dormitava de olhos fechados e o pai não se via, pelo que eles deduziram que tinha adormecido deitado no sofá. Aproximaram-se da porta de mansinho e começaram a abri-la quando sentiram um vulto grande e negro atrás de si.

Aterrados, com o coração na boca, os irmãos viraram-se e controlaram um grito de medo ao ver quem estava atrás deles.

— Aonde é que os meninos pensam que vão? — zangou-se o pai, com o tom de voz mais firme que conseguiu encontrar.



Gostas de ler? Adoras aventuras e fazer experiências? *O Clube dos Cientistas* é a coleção perfeita para ti!

A Catarina, o Chico e o Carlos são três irmãos curiosos, fascinados pela ciência e sempre em busca de mistérios. Vais divertir-te a ler as suas histórias empolgantes e cheias de ação!

Se fores como eles, não vais resistir a ler o Caderno de Experiências até ao fim e pôr mãos à obra.

O fumo numa cabana abandonada despertou a curiosidade dos três irmãos. O que começou por ser apenas uma brincadeira, transformou-se numa grande aventura! Conseguirão eles resolver o mistério que têm em mãos?

**Junta-te ao Clube dos Cientistas e vem descobrir
*Os Contrabandistas de Cristais!***

**Não percas o outro
título da coleção!**



 livros que saltam à vista 20 20 editora	ISBN 978-989-707-443-1   9 789897 074431 Conhecimento e Atividades
---	--